

Notícias principais

De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), o órgão foi informado, nesta quinta-feira (13/02), que o Kuwait passará a importar carne bovina do Brasil. “Mais uma boa notícia de abertura de mais um mercado para a carne bovina brasileira: o Kuwait, país que visitamos em setembro, quando iniciamos essa conversação. Hoje veio a boa notícia de mais um mercado para a carne bovina brasileira”, afirmou a ministra Tereza Cristina.

O Kuwait foi um dos países em que a ministra esteve em setembro do ano passado, durante a missão ao Oriente Médio.

Atualmente a carne de frango (in natura) é o produto agropecuário brasileiro mais comprado pelo Kuwait. Em 2018, foram importadas cerca de 122.000 toneladas, o equivalente a US\$ 185,7 milhões.

O Brasil também exporta para o Kuwait milho, suco de laranja, café solúvel, farelo de soja, café verde, carne de frango (industrializada), carne de pato (in natura), castanha de caju e carne de peru (in natura). No ano passado, as exportações agropecuárias para o Kuwait totalizaram US\$ 209,4 milhões, o equivalente a 215.463 toneladas.

A tabela a seguir, feita com dados do DataLiner, da Datamar, mostra os principais produtos brasileiros exportados por via marítima ao Kuwait em 2019 (em toneladas):

Aves: 122.376,72
Milho: 36.500,00
Madeira: 4.465,32
Papel e papelão: 3.895,77
Sucos: 1.691,99
Fonte: DataLiner/Datamar

Portos, terminais e infraestrutura

O Porto do Rio de Janeiro movimentou, no ano passado, 7,42 milhões de toneladas de cargas, alta de 3,4% em comparação a 2018. De acordo com dados divulgados em 14/02 pela Gerência de Planejamento de Negócios da Companhia Docas do Rio de Janeiro (CDRJ), as maiores altas foram registradas na movimentação de contêineres e de graneis sólidos, que subiu 4,7% e 22,3% em toneladas, respectivamente. Segundo a CDRJ, os dois tipos de carga somam cerca de 87% da movimentação total do porto.

O balanço revela que em TEU, o Porto do Rio de Janeiro movimentou 370.257 TEU, expansão de 6,5%. Segundo a CDRJ, foi mantida a característica principal de importação e exportação em contêiner cheio, na navegação de longo curso.

Destaques - Os dados apurados mostram que o Terminal ICTSI Rio (International Container Terminal Services) movimentou 1,76 milhão de toneladas de carga em contêineres em 2019, o que significa resultado 13,8% superior ao registrado no ano anterior. O resultado foi alavancado pelo aumento de 44,57% em unidades na importação de cabotagem da ICTSI Rio. A ICTSI é uma empresa global de gerenciamento de portos com sede em Manila, Filipinas, que venceu leilão judicial no ano passado para compra da antiga Libra Terminal Rio.

A Companhia Docas destacou ainda o bom desempenho da Triunfo Logística, com movimentação total de 2,4 milhões de toneladas em 2019, aumento de 9,4% em relação a 2018. A principal carga movimentada pela Triunfo foi o ferro-gusa, com 1,4 milhão de toneladas no ano passado.

A Câmara Frigorífica da Portonave – Iceport – obteve, após uma auditoria realizada entre os meses de dezembro e janeiro, a certificação Halal, que atesta produtos e serviços em conformidade com a lei islâmica, podendo ser utilizados ou consumidos por muçulmanos. Assim a Câmara Frigorífica está habilitada a manipular e transportar cargas destinadas a países com essa exigência e a países que não exigem a certificação, mas têm grupos muçulmanos em seu território, como ocorre em alguns locais do Mercosul e da Europa, por exemplo.

A habilitação conquistada pela Portonave engloba a exportação de carne bovina e de aves. “Os produtos Halal representam cerca de 80% do volume total armazenado na Câmara atualmente. É um mercado com melhor comportamento de giro. Concorrentes não habilitados perdem esse nicho, aumentando as possibilidades de negócio para a Portonave. Isso nos mantém competitivos”, comenta Bruno Vargas, supervisor de Operações e Depot da Câmara.

Os produtos Halal devem respeitar os preceitos religiosos islâmicos em todas as suas etapas de produção, fabricação, industrialização, manipulação, armazenamento e transporte. Não podem conter qualquer insumo ou matéria prima que seja um elemento Haram (proibido pela lei islâmica) e nem ser contaminados por eles durante sua produção, armazenamento e transporte.

O mercado islâmico - O mundo árabe é um dos principais destinos das exportações de frigoríficos brasileiros. Mas o mercado Halal não se limita a ele, já que a maior parte da população islâmica do mundo não está em países árabes, ao contrário do que comumente se pensa. O maior país islâmico é a Indonésia, com cerca de 250 milhões de habitantes, 90% deles muçulmanos. Depois da Indonésia, os maiores países islâmicos são Bangladesh, Paquistão, Turquia, Irã e Egito. O único que é um país árabe é o Egito. A população islâmica total tem 1,6 bilhão de habitantes, cerca de 20% da mundial.

Alguns dos elementos Haram, proibidos segundo a lei islâmica, são:

- carne, gordura, couro, ossos e qualquer derivado dos suínos;
- carne, gordura, couro, ossos e qualquer derivado de outros animais que são permitidos, mas tenham sido abatidos fora dos preceitos religiosos do islamismo (entre as regras exigidas para o abate, está a de mencionar o nome de Alá durante a sua realização);
- bebidas alcólicas e álcool etílico;
- sangue de qualquer animal, mesmo que abatido da forma Halal.

A movimentação de cargas no setor portuário brasileiro (portos organizados e terminais de uso privado) registrou queda de 1,6% no ano passado em comparação com 2018. Em 2019, as instalações portuárias brasileiras movimentaram 1,104 bilhão de toneladas. Nos últimos nove anos, entretanto, a movimentação de cargas cresceu 31,5%. A informação foi divulgada pela Gerência de Estatística e Avaliação de Desempenho da ANTAQ.

Os portos privados foram responsáveis por 66% da movimentação total no ano passado e registraram um crescimento médio anual (2010-2019) de 3,4%. Já os portos organizados ficaram com 34%: crescimento médio anual de 2,5%.

Um dos pontos que contribuiu para o decréscimo foi uma menor movimentação de minério de ferro. Em 2019, foram movimentados 39,2 milhões de toneladas a menos que em 2018: uma diminuição de 10%. No ano passado, as instalações portuárias nacionais movimentaram 367,8 milhões de toneladas. O minério de ferro representa 33% da movimentação total.

Outro fator foi a queda da movimentação de soja: um decréscimo de 10%. Em 2019, os portos e terminais movimentaram 92,4 milhões de toneladas.

A movimentação de petróleo e derivados, no entanto, aumentou 11% no último ano (224,7 milhões de toneladas). A movimentação de milho também cresceu. Em 2019, foram 55,7 milhões de toneladas. A exportação desse granel aumentou 75% no ano passado em comparação a 2018.

Ranking - Santos (SP) foi o que mais movimentou nos portos organizados em 2019, com 106,2 milhões de toneladas. Em segundo, apareceu Paranaguá (PR): 47,5 milhões de toneladas. Na terceira posição: Itaguaí (RJ), com 43,2 milhões de toneladas. O estudo aponta que dez portos brasileiros são responsáveis por 85% da movimentação total do setor portuário brasileiro.

Em relação aos terminais privados, Ponta da Madeira (MA) movimentou 190,1 milhões de toneladas. Em segundo, Tubarão (ES), com 76,4%. Em terceiro lugar, esteve o Terminal da Baía da Ilha Grande (Tebig), no Rio de Janeiro, que movimentou 51,9 milhões de toneladas.

Navegação - Em 2019, a navegação de longo curso transportou 794,8 milhões de toneladas, sendo 643,4 milhões de toneladas exportadas e 151,4 milhões de toneladas importadas. Na cabotagem, foram transportados 240,3 milhões de toneladas no ano passado. Na navegação interior, 65,7 milhões de toneladas foram transportadas: um aumento de 7,5% (2018-2019).

Os terminais portuários e retroportuários localizados na Margem Esquerda (Guarujá) do Porto de Santos ampliarão em 13,3% a arrecadação do Imposto Sobre Serviços (ISS) em relação a 2018. As instalações foram responsáveis, em 2019, pela geração de R\$ 95,3 milhões em impostos para a cidade, ante R\$ 84,1 milhões em 2018.

Há no Guarujá 10 terminais portuários e oito retroportuários, além de empresas que prestam serviços relacionados ao setor. Em volume, os terminais portuários são os grandes responsáveis por esse resultado positivo, passando de R\$ 82,2 milhões de arrecadação para R\$ 91,5 milhões. Porém, chama a atenção o grande crescimento dos terminais retroportuários.

Embora não sejam tão representativos na arrecadação geral do Município quanto os gigantes terminais portuários, os terminais retroportuários apresentaram um excelente desempenho em Guarujá na comparação de 2018 com 2019.

A arrecadação dos retroportuários cresceu nada mais que 102,5% no período, passando de R\$1,8 milhão para R\$ 3,8 milhões. Destaque para a Localfrio S/A, que saltou de R\$ 123,1 mil para R\$ 526,2 mil.

Navegação

A Hyundai Merchant Marine (HMM) deve receber, no início de maio, o maior navio porta-contêineres do mundo, o HMM Algeciras, o primeiro de uma frota de sete navios.

A embarcação está sendo construída pela Daewoo Shipbuilding & Marine Engineering e terá capacidade de 23.964 TEU, ou seja, 208 TEU a mais que o MSC Gulsun, que é atualmente o maior navio do mundo atualmente.

O navio terá 400 metros de comprimento e 24 linhas e se juntará ao serviço FEA4 da Ásia-Norte da Europa na Aliança, ao qual o HMM se unirá em 1º de abril.

Um estudo desenvolvido pela Gerência de Desenvolvimento e Estudos – GDE da Superintendência de Desempenho, Desenvolvimento e Sustentabilidade – SDS da ANTAQ – Agência Nacional de Transportes Aquaviários, procurou apontar alternativas para aumentar, no curto prazo, a disponibilidade de porta-contêineres na cabotagem, flexibilizando as formas de investimento em frota para atendimento das flutuações de demanda.

A utilização da frota desse tipo de embarcação que opera na navegação de cabotagem chegou a 76,2% em agosto de 2018.

Dentre as alternativas está a que permite o afretamento por tempo, desde que esse afretamento tenha uma duração mínima a ser estipulada e que seja emitido o Certificado de Liberação da Embarcação – CLE, nos moldes do que já ocorre nos acordos bilaterais de longo curso.

Vale destacar que a Lei nº 9.432/97 não veda esse tipo de afretamento, exigindo apenas, no caso de embarcação estrangeira, que seja feita a “circularização” para comprovar a inexistência ou indisponibilidade de embarcação de bandeira brasileira.

O estudo apresenta, ainda, como uma das vantagens dessa opção regulatória, a sua concretização por intermédio de resolução da Agência, tornando mais ágil e flexível sua implementação e monitoramento.

As opções regulatórias apresentadas no estudo são subsídios para a Diretoria Colegiada e demandam aprofundamento das discussões no âmbito da Agência e demais atores envolvidos.

Com o desembarque do navio “MSC Avni”, no dia 11 de fevereiro, o serviço NWC – EUA – SAWC da MSC retorna ao Terminal Pacífico Sur Valparaíso (TPS), no Chile. O serviço contará com duas escalas semanais.

É a rota que une o norte da Europa, a costa leste dos Estados Unidos e a costa oeste da América do Sul, através do Canal do Panamá, e foi criada em meados de 2016, como resultado da união de dois serviços da empresa de transporte marítimo, mas parou de chegar a Valparaíso em meados de 2018. Em novembro de 2019, a MSC já havia retomado uma das rotas desse serviço no TPS (de Sul para Norte) e, a partir desta terça-feira, a rota foi totalmente reintegrada com o Viagem de norte a sul.

Grãos

Um levantamento da Balança Comercial do Agronegócio, elaborado pela Secretaria de Comércio e Relações

Internacionais (SCRI) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), divulgado nesta quinta-feira, 13/02, apontou que as exportações do agronegócio totalizaram, em janeiro, US\$ 5,8 bilhões, recuo de 9,4%. O setor participou com 40,4% do total das exportações brasileiras. As importações do setor somaram US\$ 1,2 bilhão (-1,6%) e desta forma o saldo da balança ficou em US\$ 4,6 bilhões.

De acordo com o órgão, a queda nos preços dos produtos do agronegócio exportados pelo Brasil, de 7,4%, foram a principal razão para a redução das vendas externas em janeiro. Também ocorreu redução na quantidade comercializada para o exterior, que declinou 2,2% na comparação do mês de janeiro de 2019.

As vendas externas de carnes (bovina, suína e de frango), açúcar e algodão, no primeiro mês do ano, ajudaram a compensar, em parte, a queda nos produtos do complexo soja – grãos, farelo e óleo (-31%) e dos produtos florestais – celulose, papel, madeira e suas obras (-33,8%).

Carnes - As carnes foram responsáveis por 23,2% do total exportado e atingiram US\$ 1,35 bilhão (30,9%). A carne bovina foi a principal carne exportada, com US\$ 631,5 milhões (+38,1%). Tanto o valor exportado como o volume, 135,3 mil toneladas, foram recordes para os meses de janeiro.

A carne suína também foi destaque com aumento de 79,9% no valor exportado (US\$ 163,30 milhões) com 67,7 mil toneladas (42%). Já a carne de frango somou US\$ 522,0 milhões, alta de 17%.

Açúcar - As vendas externas de açúcar subiram 55,8%, para US\$ 470,25 milhões, com a quantidade de 1,6 milhão de toneladas (50,4%).

A quantidade, ainda, é muito inferior ao recorde de vendas de janeiro, que ocorreu em 2015, ano em que o país exportou 2,4 milhões de toneladas em janeiro, conforme a nota da Secretaria.

Algodão - A exportação recorde de algodão não cardado nem penteado colocaram as fibras e produtos têxteis na quinta posição entre os principais produtos de exportação do agronegócio. As vendas externas do produto subiram 144,2%, com US\$ 484,80 milhões. O incremento ocorreu em função do aumento de 168,1% na quantidade exportada, recorde de 308,8 mil toneladas.

Os resultados do quinto levantamento da safra 2019/20 elaborado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgado nesta terça-feira, 11/02, apontam que as lavouras de soja e milho, principalmente, impulsionam o volume total de grãos para mais um recorde histórico, com estimativa de 251,1 milhões de toneladas, uma variação de 3,8% sobre a safra passada e ganho de 9,1 milhões de toneladas.

Para área total, espera-se um incremento de 2,5%, alcançando cerca de 64,8 milhões de hectares e acréscimo de 1,6 milhão de ha. A previsão está apoiada nas boas condições climáticas que favorecem a recuperação das lavouras, que sofreram na última temporada pela estiagem nos estados de maior produção. As culturas de primeira safra estão respondendo por 45,6 mil hectares, enquanto que as de segunda, terceira e de inverno, por 19,3 mil.

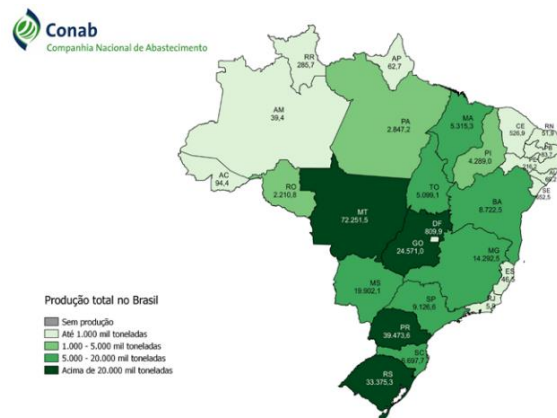
As lavouras de soja, que ocupam uma área 2,6% maior, começam a ser colhidas com uma boa produtividade, mantendo a tendência

de crescimento das últimas safras. A produção estimada é de 123,2 milhões de toneladas, o que também representa um recorde na série histórica, graças à melhoria da distribuição das chuvas.

A produção do milho de primeira, segunda e terceiras safras devem alcançar algo próximo a 100 milhões de toneladas, com um crescimento de 0,4%. A estimativa de área do milho primeira safra é de 4,25 milhões de hectares, 3,4% maior que o da safra 2018/19.

Com relação ao algodão, que aproveita o espaço deixado pela colheita da soja, a expectativa é de um crescimento de 5,3% na área, chegando a cerca de 1,7 milhão de hectares. A produção também bate recorde da série histórica, alcançando 2,82 milhões de toneladas de pluma. Por sua vez, o caroço chega a 4,23 milhões de toneladas, com 1,6% de crescimento em relação à safra passada.

Já o arroz também foi beneficiado pelas condições climáticas, inclusive nas lavouras do Rio Grande do Sul, estado que produz mais de 80% do consumo nacional, com um aumento de 0,6% e produção de 10,51 milhões de toneladas. Por outro lado, o feijão primeira safra perde 0,1% na área, alcançando 921,4 mil hectares, mas ganha 9,4% na produção com a ajuda da produtividade. A produção deve superar 1 milhão de toneladas. A segunda safra, que está em início de cultivo, deve ocupar a mesma área da safra passada de 1,4 milhão de hectares.



Carnes

As exportações de carne bovina pelos quatro países membros do Mercosul aumentaram 17% em 2019, totalizando 2.704 mil toneladas de produto. Dentro dos países membros, a Argentina apresenta as maiores taxas de crescimento em relação a 2018.

Isso porque as exportações argentinas de carne bovina em 2019 marcaram um novo recorde histórico, depois de atingir 566.272 toneladas exportadas e dobrar os volumes embarcados no ano anterior.

Esse valor, medido em toneladas equivalentes de carne com osso, como geralmente expresso pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Pesca da Nação, equivale a aproximadamente 840 mil toneladas, em relação às 557 mil exportadas em 2018.

No caso do Brasil, o maior exportador do bloco, em 2019 registrou vendas no exterior de 1.561 mil toneladas de peso embarcado,

representando um aumento de 16% em relação ao ano anterior. A evolução do Uruguai é diferente, que permaneceu praticamente inalterada em relação ao volume exportado no ano anterior (325.846 toneladas) e ao do Paraguai, que, longe de crescer, contraiu suas exportações de carne em 8% ano a ano, terminando 2019 com 248.899 toneladas embarcadas.

A retração do Paraguai é explicada pelo fato de ser o único país do bloco que não tem autorização para vender para a China, o que o deixa de fora da oportunidade excepcional que esse destino representou para o mercado mundial de carnes em 2019.

Globalmente, Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai – como um bloco – é o maior fornecedor de carne bovina, respondendo por quase um quarto das exportações globais, seguido pela Austrália (16%) e EUA (12%). A participação do Mercosul nas exportações mundiais de carne bovina vem apresentando crescimento sustentado nos últimos 5 anos, de 18% em 2015 para 24% em 2019.

Açúcar e etanol

A Indonésia, maior importadora de açúcar bruto, voltou a comprar açúcar brasileiro. Isso porque a pior seca das últimas décadas reduziu a safra da Tailândia, levando à Indonésia a buscar novo fornecedor.

Segundo a Alvean, joint venture da Cargill e da Copersucar, e maior trading de açúcar do mundo, a empresa deve carregar, ainda esta semana, um navio com pelo menos 60 mil toneladas de açúcar bruto para a Indonésia.

A venda ocorre quase dois anos após a última exportação de açúcar bruto do Brasil para a Indonésia e segue as previsões de uma queda de pelo menos 30% da safra da Tailândia. Além de mais escassos, os suprimentos do segundo maior exportador do mundo estão tão caros atualmente que a Indonésia prefere comprar do Brasil mesmo com uma tarifa de importação mais alta.

Segundo o DataLiner, solução de dados de comércio exterior da Datamar, o Brasil exportou cerca de 16 milhões de toneladas de açúcar em 2019. A tabela a seguir, feito com base nos dados do DataLiner, mostra os cinco principais destinos do açúcar brasileiro em 2019:

Cinco principais exportadores do açúcar brasileiro em 2019 (valores em toneladas)

Período	Destino	NCM 1701 Açúcar	Total (em ton)
2019	ALGERIA	1.956.151,00	1.956.151,00
2019	SAUDI ARABIA	1.654.162,18	1.654.162,18
2019	BANGLADESH	1.574.711,00	1.574.711,00
2019	NIGERIA	1.488.607,56	1.488.607,56
2019	CHINA	1.103.543,84	1.103.543,84

Café

As exportações brasileiras de café solúvel bateram recorde em 2019, chegando a 91,96 mil toneladas, cerca de 4 milhões de sacas de 60 kg. Esse volume representa um aumento de 7% em relação a 2018, quando as vendas externas atingiram 85,97 mil toneladas, equivalente a 3,72 milhões de sacas.

Dos 106 países que receberam o produto brasileiro, os Estados Unidos lideram o ranking, com 17% do total. Em 2019, foram adquiridas 15,3 mil toneladas ante 14,8 mil toneladas em 2018, um aumento de 3,1%, segundo dados do Consórcio Pesquisa Café, coordenado pela Embrapa Café. O relatório foi elaborado pela Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (ABICS).

Na sequência, estão Rússia, Indonésia e Japão. No entanto, quando se considera a soma das importações dos países que integram a União Europeia (UE), o bloco assume o segundo lugar, com crescimento significativo de 22,9% no ano passado.

Expansão: Outros países registraram um aumento expressivo na compra do solúvel brasileiro, o maior produtor mundial. A Indonésia – o quarto maior produtor de café do mundo – ampliou em 2,9% as importações, se tornando o terceiro maior destino das exportações brasileiras. Myanmar aumentou em 61,4% suas compras. O destaque ficou para o México – o segundo maior produtor mundial de café solúvel, perdendo apenas para o Brasil – aumentou em cerca de 315% a compra do produto nacional.

De acordo com o relatório, a expansão nas exportações pode ser atribuída, em parte, à reconquista de alguns mercados compradores do produto brasileiro, prejudicados no atendimento às suas demandas entre 2016 e 2017. A redução verificada nesse período foi decorrente da queda acentuada na produção de café conilon (utilizado na produção do café solúvel) no Espírito Santo, em função de problemas climáticos.

Queda: O recorde verificado nas exportações físicas do solúvel, em 2019, no entanto, não refletiu no aumento de receita cambial, que registrou ligeira queda. O volume apurado de US\$ 581,7 milhões representa um recuo de 3% na comparação com os US\$ 599,8 milhões do ano anterior, consequência direta dos preços baixos do café registrados nos mercados internacionais, no período analisado pela Embrapa Café.

Petróleo e gás

De acordo com o diretor-geral da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), Décio Oddone, o surto do novo coronavírus na China não resultou em problemas até o momento para a exportação de petróleo do Brasil para o país asiático.

Segundo a Reuters, Oddone reconheceu a jornalistas que as expectativas apontam para uma queda do consumo de petróleo pela China, devido às restrições de viagens aéreas, rodoviárias e ferroviárias, mas ressaltou não ter registro de problemas no Brasil.

“Aqui não vimos (impacto) ainda... não tenho informação de nenhuma empresa relatando dificuldade de negociação e venda de petróleo para a China”, afirmou Oddone, ao participar de cerimônia de assinatura de contratos de rodadas de licitações realizadas no ano passado.

Do total que a Petrobras exporta, 70% segue para a China. Recentemente, o presidente da empresa, Roberto Castello Branco, afirmou a companhia não foi afetada pelo coronavírus em termos de exportações e vendas.

Outras cargas

A produção de minério de ferro da Vale em 2019 somou 301,97 milhões de toneladas, queda de 21,5% ante 2018, em meio a paradas de produção devido ao rompimento de barragem em Brumadinho (MG) no início do ano passado. A informação foi divulgada pela empresa nesta terça-feira, 11/02, por meio de um relatório de produção.

Antes do desastre, a expectativa da empresa era atingir a produção de 400 milhões de toneladas em 2019. Porém, essa meta agora só poderá ser atingida apenas a partir de 2022, segundo informações publicadas anteriormente pela companhia.

Devido ao rompimento da barragem em Brumadinho, a Vale foi levada a interromper diversas atividades em Minas Gerais, em meio a uma revisão dos padrões de segurança operacional.

Segundo a empresa, além disso, as operações também sofreram impactos de uma sazonalidade climática mais forte do que o normal no primeiro semestre de 2019.

Mas os efeitos das paradas foram parcialmente compensados pelo aumento da produção na mina S11D — a maior da história da companhia —, no Pará, redução de estoques (em 14 milhões de toneladas) e retomada gradual de operações em algumas minas.

Com isso, as vendas de minério de ferro em 2019 foram de 269,3 milhões de toneladas, queda de 12,8% na comparação anual. As vendas de pelotas atingiram 43,199 milhões de toneladas, queda de 23,7% ante 2018.

Com isso, as vendas de minério de ferro e pelotas somaram cerca de 312,5 milhões de toneladas em 2019, contra projeção de entre 307 milhões e 312 milhões de toneladas revisada pela companhia em novembro.

No quarto trimestre, a mineradora produziu 78,344 milhões de toneladas de minério de ferro, recuo de 22,4% ante o mesmo período de 2018. Já as vendas da commodity somaram 77,9 milhões de toneladas no último trimestre do ano passado, queda de apenas 3,2% na comparação anual.

Comércio

Representantes do Brasil e da Argentina firmaram na última semana um entendimento para a diversificação da pauta agropecuária entre os dois países.

Na reunião bilateral, realizada em Brasília, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e o Serviço Nacional de Sanidade e Qualidade Agroalimentar da Argentina (Senasa) reiteraram a disposição de trabalhar conjuntamente de forma estreita e coordenada, tanto no âmbito bilateral quanto nos foros regionais e multilaterais.

Entre os temas acordados está a aprovação pela Argentina do modelo de Certificado Sanitário Internacional (SCI) para exportação de carne de rã do Brasil para o país vizinho. Também foi aprovado o modelo de Certificado Zoossanitário Internacional (CZI) para a exportação de sêmen suíno do Brasil para a Argentina.

Por outro lado, o Brasil aprovou o modelo de CZI proposto pelos argentinos para a importação de bovinos reprodutores da

Argentina. “Brasil e Argentina comprometem-se, no espírito de sua relação amistosa e prioritária no campo agrícola, a envidarem todos os esforços para que eventuais pendências sejam resolvidas com a máxima celeridade”, diz a ata da reunião, que tem 29 pontos.

Os dois países acordaram que será enviada uma missão do Brasil para a Argentina até o dia 10 de julho para realizar auditorias de manutenção para carne bovina, lácteos e pescado. No mesmo prazo, a Argentina deverá enviar uma missão para o Brasil para auditar produtos cárneos bovinos e fazer visita in loco sobre compartimentação na área de aves e sobre escaravelho das colmeias.

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 1,160 bilhão e corrente de comércio de US\$ 8,151 bilhões, na primeira semana de fevereiro de 2020, com cinco dias úteis, como resultado de exportações no valor de US\$ 4,656 bilhões e importações de US\$ 3,495 bilhões. Os dados foram divulgados nesta segunda-feira (10/02) pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia.

No ano, as exportações totalizam US\$ 19,096 bilhões e as importações US\$ 19,670 bilhões, com saldo negativo de US\$ 575 milhões e corrente de comércio de US\$ 38,766 bilhões.

Confira os dados completos da balança comercial

Balança Comercial Brasileira - Fevereiro de 2020
US\$ milhões FOB

Período	Dias Úteis	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		CORR. COMÉRCIO		SALDO	
		Valor	Média p/dia útil	Valor	Média p/dia útil	Valor	Média p/dia útil	Valor	Média p/dia útil
Fevereiro (até a 1ª semana)	5	4.656	931,1	3.495	699,1	8.151	1.630,2	1.160	232,1
1ª semana (01 a 09)	5	4.656	931,1	3.495	699,1	8.151	1.630,2	1.160	232,1
Acumulado no ano	27	19.096	707,2	19.670	728,5	38.766	1.435,8	-575	-21,3
Janeiro	22	14.440	656,4	16.175	735,2	30.615	1.391,6	-1.735	-78,9
Fevereiro	5	4.656	931,1	3.495	699,1	8.151	1.630,2	1.160	232,1
Fevereiro/2019	20	15.737	786,9	12.622	631,1	28.359	1.418,0	3.116	155,8
Janeiro/2020	22	14.440	656,4	16.175	735,2	30.615	1.391,6	-1.735	-78,9
Var. % Fev-2020/Fev-2019			18,3		10,8		15,0		42,8
Var. % Fev-2020/Jan-2020			41,9		-4,9		17,2		-166,9
Jan-Fevereiro/2020(até a 1ª semana)	27	19.096	707,2	19.670	728,5	38.766	1.435,8	-575	-21,3
Jan-Fevereiro/2019(até a 1ª semana)	23	19.070	829,1	17.002	739,2	36.072	1.568,3	2.068	89,9
Var. % Jan/Fev-2020/2019			-14,7		-1,4		-8,5		-127,8

Fuente: Departamento de Comércio Exterior / Ministério da Economia
Fevereiro/2020: 10 dia(s); Fevereiro/2019: 20 dia(s); Janeiro/2020: 22 dia(s).

Análise do mês

Nas exportações, comparadas as médias até a primeira semana de fevereiro de 2020 (US\$ 931,1 milhões) com a de fevereiro de 2019 (US\$ 786,9 milhões), houve crescimento de 18,3%, em razão do aumento nas vendas das três categorias de produtos: básicos (+19,4%), de US\$ 397,0 milhões para US\$ 473,8 milhões; semimanufaturados (+32,8%), de US\$ 97,7 milhões para US\$ 129,7 milhões e manufaturados (+12,1%), de US\$ 292,2 milhões para US\$ 327,6 milhões. Em relação a janeiro de 2020, houve aumento de 41,9%, devido à expansão nas vendas de produtos básicos (+45,0%), de US\$ 326,8 milhões para US\$ 473,8 milhões; semimanufaturados (+32,1%), de US\$ 98,2 milhões para US\$ 129,7 milhões e manufaturados (+41,6%), de US\$ 231,4 milhões para US\$ 327,6 milhões.

Nas importações, a média diária até a primeira semana de fevereiro de 2020, de US\$ 699,1 milhões, ficou 10,8% acima da média de fevereiro do ano passado (US\$ 631,1 milhões). Nesse comparativo, cresceram os gastos, principalmente, com farmacêuticos (+39,8%), plásticos e obras (+15,8%),

equipamentos mecânicos (+11,7%), combustíveis e lubrificantes (+7,0%), equipamentos eletroeletrônicos (+6,1%).

Ante janeiro/2020, registrou-se queda de 4,9%, pela diminuição nas compras de aeronaves e peças (-41,7%), siderúrgicos (-11,5%), equipamentos mecânicos (-11,5%), equipamentos eletroeletrônicos (-7,7%), instrumentos de ótica e precisão (-7,0%).

A indústria brasileira já sente falta de componentes chineses. A crise no país asiático, afetado pelo coronavírus, fez com que os embarques fossem adiados por conta de fábricas paradas e da prorrogação do feriado de ano novo chinês como forma de conter a epidemia. A China é o maior parceiro comercial do Brasil. Do total de insumos importados pelo país, 20% vem da China.

Uma sondagem realizada pela Abinee (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica) com as empresas fabricantes de produtos do setor eletroeletrônico apontou que 52% das entrevistadas já apresentam problemas no recebimento de materiais, componentes e insumos provenientes da China.

Essa situação foi observada principalmente entre as fabricantes de produtos de Tecnologia da Informação (celulares, computadores, entre outros). A pesquisa foi realizada no dia 05 de fevereiro de 2020, com a participação de cerca de 50 indústrias das diversas áreas do setor eletroeletrônico.

Conforme o levantamento, caso essa situação persista, 22% das empresas pesquisadas sinalizam eventuais paralisações na produção nas próximas semanas, visto que a falta de materiais, componentes e insumos oriundos da China dificulta a continuidade da fabricação de bens do setor eletroeletrônico.

Mesmo as entrevistadas que ainda não foram afetadas por esse problema citaram que se o abastecimento de componentes e insumos da China não se normalizar nos próximos 20 dias será muito difícil conseguir manter o mesmo ritmo de atividade nos próximos meses.

“Estamos muito preocupados com os impactos na produção do setor e continuamos avaliando a situação de perto”, afirma o presidente executivo da Abinee, Humberto Barbato.

Um levantamento feito pela Datamar mostra que quatro serviços marítimos fazem a rota China-Brasil. São 48 navios que acessam os portos brasileiros trazendo importações do país asiático.

Pelos cálculos da Datamar, o impacto nas exportações brasileiras para cada navio que deixe de fazer a rota China-Brasil é de 5 mil TEUS e 3 mil contêineres. O tempo médio de viagem é de 35 dias.

Vale lembrar que a China é a principal origem das importações de componentes do Brasil, totalizando US\$ 7,5 bilhões em 2019, o que representa 42% do total. Destaca-se também que os demais países da Ásia foram responsáveis por 38% das importações de componentes elétricos e eletrônicos em 2019. Portanto, a região total da Ásia representou 80% da origem dos componentes elétricos e eletrônicos do País.



Foi assinado no último dia 11/2, em Assunção, o Acordo Automotivo entre Brasil e Paraguai. O objetivo é dar maior estabilidade, segurança jurídica e previsibilidade para os investimentos e o comércio bilateral de produtos do setor.

Na mesma ocasião, foi assinado o Acordo de Complementação Econômica Nº 74 (ACE-74), entre os dois países, importante marco para o aprofundamento da integração entre Brasil e Paraguai, em temas da agenda econômico-comercial, como facilitação de comércio e cooperação aduaneira, em complemento aos entendimentos existentes no âmbito do Mercosul.

Acordo Automotivo - Já o Acordo Automotivo terá vigência por prazo indeterminado ou até a adequação do setor automotivo ao regime geral do Mercosul. Pelo instrumento, o Brasil concederá livre comércio imediato para produtos automotivos paraguaios. O Paraguai, por sua vez, concederá livre comércio imediato para os produtos automotivos brasileiros taxados com tarifas entre 0% e 2% e aplicará margens de preferência tarifária crescentes para os demais produtos automotivos, até a liberalização total do setor ao final de 2022.

O Acordo estabelece Requisitos Específicos de Origem para cada produto automotivo, em linha com as condições negociadas recentemente no acordo bilateral com a Argentina e no acordo entre o Mercosul e a União Europeia. O Acordo prevê, também, condições de acesso preferenciais, com Índice de Conteúdo Regional (ICR) reduzido, para uma cota de automóveis e para outra cota de veículos com motorizações alternativas.

Em relação às autopeças paraguaias produzidas sob o regime de maquila, estabeleceu-se que elas terão livre acesso ao mercado brasileiro até 31 de dezembro de 2023, desde que cumpram com as regras de origem do Acordo, com ICR mínimo de 50%. A partir de 2024, o acesso de autopeças produzidas sob o regime de maquila ao Brasil ocorrerá com cotas previstas no Acordo. Foram definidas, ainda, condições diferenciadas de acesso para autopeças com ICR reduzido, inclusive as produzidas em regime

de maquila, por um período de sete anos, no caso do Paraguai, e de quatro anos, no caso do Brasil.

Quanto à cobrança de taxas consulares, o Paraguai comprometeu-se a isentar os produtos automotivos originários do Brasil a partir do oitavo ano da entrada em vigor do Acordo.

O Acordo estabelece, ainda, que cada parte continuará a aplicar suas tarifas nacionais atualmente vigentes na importação de produtos automotivos de terceiros parceiros comerciais, até que se acorde, no âmbito do Mercosul, a implementação da Tarifa Externa Comum (TEC) para os produtos do setor.

Com relação à importação de veículos usados, o Paraguai comprometeu-se a revisar sua política nacional de importação de tais produtos nos termos do que vier a ser acordado no âmbito do regime automotivo do Mercosul, levando-se em conta, também, normas ambientais, de saúde pública e de segurança.

O comércio de produtos automotivos entre Brasil e Paraguai tem crescido consideravelmente na última década, sobretudo em função das exportações brasileiras de automóveis e das importações brasileiras de autopeças (principalmente de chicotes elétricos). Em 2019, a corrente de comércio somou US\$ 650 milhões, com exportações no valor de US\$ 415 milhões e importações no valor de US\$ 235 milhões, o que resultou em superávit de US\$ 180 milhões para o Brasil.

*DatamarWeek é a nossa newsletter, distribuída semanalmente. Edições anteriores podem ser baixadas em www.datamarnews.com
Suas contribuições, críticas, sugestões e, se as fizerem, 'press releases', serão bem vindas. Contato: datamarweek@datamar.com.br
Tel + 55-11-3588-3033
Datamar Consultores Associados Ltda.
Rua Funchal 203, 9th floor
Vila Olímpia, São Paulo – 04551-904 – SP*